



DL-01

Ses. Esp. II 14/06/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial, denominada Cooperativas constrói um mundo melhor, com o objetivo de celebrar 2012, ano internacional das cooperativas, proposta pela nobre deputada, minha querida amiga Neusa Cadore.

Para compor a Mesa, convido a Exm^a. Sr^a Proponente desta sessão, deputada Neusa Cadore; o Exm^o Sr. Secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte da Bahia, Nilton Vasconcelos, representando o governador Jaques Wagner; o Sr. Presidente do Sindicato e Organização das Cooperativas da Bahia, Sérgio Téquio; a Sr^a Coordenadora da Associação Vida Brasil, Débora Rodrigues; o Sr. Representante do Fórum Baiano de Economia Solidária, Joílson Santana e o Sr. Diretor da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar, Libanílson Braga de Oliveira. (Palmas)

Tendo em vista que tenho compromissos assumidos anteriormente, vou ter que me ausentar, mas voltarei no encerramento dos trabalhos. Antes, gostaria de passar a Presidência à nobre deputada Fátima Nunes, para que a deputada Neusa Cadore possa fazer seu pronunciamento. Depois, esta assume a presidência.

Gostaria de registrar a presença do deputado Carlos Brasileiro, do Partido dos Trabalhadores, presente nesta sessão especial.



3591-II

Ses. Esp. II 14/06/12

Or. Neusa Cadore

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra a nobre deputada Neusa Cadore, autora da sessão, para fazer o seu pronunciamento.

A Sr^a NEUSA CADORE:- Boa-tarde a todos, quero agradecer ao nosso presidente, deputado Marcelo Nilo, por ter prestigiado este evento, participando da abertura e saúdo: a deputada Fátima Nunes, que ora preside esta sessão; o Exm^o Sr. Secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte da Bahia, Nilton Vasconcelos, representando o governador da Bahia, Jaques Wagner; o Sr. Presidente do Sindicato e Organização das Cooperativas da Bahia, nosso valoroso amigo Sérgio Téquio; a Sr^a Coordenadora da Associação Vida Brasil, Débora Rodrigues; o Sr. Representante do Fórum Baiano de Economia Solidária, Joílson Santana e o Sr. Diretor da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar, Libanílson Braga de Oliveira. Gostaria de saudar todos os companheiros e companheiras que estão aqui de várias cidades, de várias regiões da Bahia, apesar da dificuldade que esse momento de estiagem traz para todos nós.

Quero iniciar dizendo que é uma alegria contarmos com suas presenças nesta tarde, que nos dá o prazer do encontro e sobretudo a oportunidade de refletirmos sobre um tema extremamente importante e fundamental para o desenvolvimento sustentável, que sabemos que é imprescindível para a erradicação da pobreza absoluta: o cooperativismo.

Se estamos aqui, certamente compartilhamos dessa convicção, de que o cooperativismo pode construir um mundo melhor e nós aqui fazemos parte de um grupo de pessoas que sonha, que luta e acredita que coletivamente podemos somar forças, e estamos fazendo isso na prática, no nosso dia-a-dia em diferentes experiências, e é desse empenho, é dessa generosidade e dessa nossa convicção que o mundo precisa neste momento.

(Lê) “Foi pensando em agregar mais pessoas em torno desta ideia e disseminar os princípios do modelo cooperativo que a Organização das Nações Unidas declarou 2012 o Ano Internacional das Cooperativas. O objetivo é incentivar os governos de todo o mundo a



criar políticas, leis e regulamentações que fomentem a formação, crescimento e estabilidade das cooperativas.

Além disso, visa aumentar a conscientização das pessoas a respeito da importância das cooperativas para o desenvolvimento sustentável e para a realização dos objetivos do milênio. E o primeiro deles é justamente acabar com a miséria e a fome, problema que segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) necessita da contribuição da agricultura familiar, da economia solidária e do cooperativismo para ser superado.

De acordo com a agência da ONU, no mundo inteiro há quase 1 bilhão de famintos: uma em cada sete pessoas no planeta vai para a cama com fome todas as noites.

Ainda de acordo com a FAO, a cada cinco segundos uma criança morre no planeta em decorrência da desnutrição, o que soma 5 milhões de vítimas fatais anualmente.

Aqui no Brasil, em razão das políticas sociais implementadas pelos governos do presidente Lula e agora da presidenta Dilma, o País antecipou em 10 anos a meta de diminuir pela metade o número de pessoas em extrema pobreza que era esperada para 2015: passou de 25,6% da população em 1990 para 4,8% em 2008. Uma redução de 81%.

O Brasil viveu nestes últimos anos a maior mobilidade social da sua história. Mais de 28 milhões de homens e mulheres saíram da situação de pobreza, 36 milhões entraram na classe média, ou seja, desenvolvimento, inclusão social e democracia passaram a ser parte do mesmo projeto de transformação da realidade social.

O nosso País é uma referência para o mundo em ações de enfrentamento da fome, mas, apesar dos significativos avanços, até o ano passado, quando foi lançado o Plano Brasil Sem Miséria, o País ainda possuía 16 milhões de pessoas em situação de extrema vulnerabilidade social.

Acreditamos que o cooperativismo pode ser a chave tanto para a superação desse índice que nos inquieta, como cidadãos e cidadãs, como para transformar o Brasil em uma Nação plena em desenvolvimento e justiça social. Sociedade nenhuma pode se considerar verdadeiramente desenvolvida enquanto não romper com qualquer indício de desigualdade que impede seus filhos e filhas do acesso aos direitos básicos.



O cooperativismo, enquanto um modelo de desenvolvimento justo e solidário, desempenha um papel de grande relevância social e econômica para o Brasil e para a Bahia e se constitui como uma ferramenta essencial para a redução da pobreza ao promover a inclusão econômica e social de segmentos historicamente excluídos pelo sistema capitalista a exemplo das mulheres, dos negros, dos pequenos agricultores, das comunidades e povos tradicionais, etc). Passa muito pelo acesso, pela articulação e crescimento do sistema cooperativo.

No mundo mais de 800 milhões de pessoas estão envolvidas em algum ramo desse setor, que é responsável por 100 milhões de postos de trabalho, seja, por meio do setor da produção, da comercialização, do artesanato, do crédito, do trabalho e da infraestrutura. Aqui mesmo no nosso Estado temos podido testemunhar o quanto os municípios que apostaram na lógica do cooperativismo avançaram no seu desenvolvimento e na ampliação das oportunidades de geração de emprego e renda.

As pessoas tem compreendido cada vez mais que sozinho é mais difícil se lançar no competitivo mercado dos grandes empreendimentos e disputar com a concorrência das tecnologias. Que a solução para os problemas decorrentes da sociedade capitalista em que vivemos precisam ser encontradas de forma coletiva, nesse sentido, o cooperativismo, a economia solidária e a agricultura familiar se apresentam como alternativas concretas de emancipação da classe trabalhadora, é uma alternativa concreta da socialização dos meios de produção e dessa forma, caminharemos em direção da construção de um novo paradigma de sociedade, aquela que tanto sonhamos, a sociedade socialista, na qual não haja explorados e exploradores, patrões e empregados.

É importante destacar que o cooperativismo desempenha um papel importantíssimo na promoção da igualdade de gênero, e da autonomia econômica das mulheres um dos oito objetivos do milênio e isso é condição fundamental para a erradicação da miséria extrema, uma vez que as mulheres são 70% dos pobres do mundo e responsável por chefiar quase 30% das famílias brasileiras e baianas.

Através da cooperação, as mulheres, sobretudo as trabalhadoras rurais, estão tendo o reconhecimento da sua força de trabalho e se inserindo no mundo do trabalho, embora



ainda enfrentem uma série de desafios como o direito à propriedade da terra, o acesso ao crédito, aos bens e serviços públicos. Para isso as mulheres têm se mobilizado na marcha das margaridas, nas conferências nacionais conquistando políticas de inclusão.

Por meio da agricultura familiar, as cooperativas também têm apoiado uma verdadeira revolução na garantia da segurança alimentar e nutricional no País, contribuindo com o governo na meta de acabar com a pobreza, por meio de programas como o PAA e o PNAE, no contexto do Plano Brasil Sem Miséria.

Aqui na Bahia, onde temos o maior número de agricultores familiares de todo o país. Quinze por cento do total de agricultores familiares do Brasil estão em nosso estado. E o nosso governo tem abraçado com muito compromisso no intuito de superar esta dívida social de anos e anos em ações assistencialistas que acabaram criando este passivo histórico.

Hoje, estamos vivendo um momento em que atravessamos a pior seca dos últimos 40 anos. Então é muito nítida a falta de políticas públicas – não nessas décadas porque já temos 500 anos de Brasil – mas faltou, exatamente, o compromisso com as políticas públicas que pudessem criar um cenário favorável para o desenvolvimento da agricultura familiar, principalmente, no que sabemos que ainda é preciso ser construído de infraestrutura, para que seja possível a convivência com o clima semiárido e para que a agricultura seja uma atividade, economicamente, sustentável.

É importante destacar que o governo da Bahia se comprometeu com importantes marcos legais. Queria destacar, aqui, a lei estadual do corporativismo. E, nesta lei, destacam-se princípios e diretrizes importantes que são: o fomento, a constituição, a consolidação e a expansão das cooperativas dos estados.

É o incentivo que esta lei traz para disponibilizar recursos financeiros para o setor corporativista, a possibilidade de criar mecanismos para que a formação, a assistência técnica e profissional, em cooperativismo, possam ser realidade e possam fazer parte dos currículos nas escolas. Sabemos que a UFRB, hoje, já contempla esta demanda. E é preciso ampliar. E o incentivo é real ao fortalecimento de uma cultura de cooperação no mundo do trabalho entre outras vantagens.



Não posso deixar de registrar que, durante este ano, o Brasil sedia, no Rio de Janeiro, um importante evento mundial, onde ele é palco. É a *Conferência Rio + 20* da Organização das Nações Unidas sobre o desenvolvimento sustentável. Entre tudo o que está sendo debatido lá, certamente, novas propostas e desenvolvimento sustentável, caminhos para a erradicação da pobreza serão pautados e apontados. A preservação do meio ambiente se destaca em todo este desafio de pensar a sustentabilidade do planeta.

Sabemos existir companheiros de vários movimentos que participam do debate. Com certeza, este ano é dedicado ao corporativismo e esta pauta terá um lugar importante na discussão que está sendo travada com os movimentos sociais e com lideranças importantes nas mãos das quais a responsabilidade de abrir novas perspectivas para o desenvolvimento sustentável se coloca.

Quero encerrar citando um trecho do sociólogo e educador Jorge Werthein neste ano das cooperativas que resume o nosso sentimento de um projeto em sociedade mais justa e igualitária.

Ele fala assim: “Não se pode mais conceber um projeto em desenvolvimento independente das pessoas às quais ele se destina. A visão meramente instrumental do desenvolvimento precisa ceder lugar a uma visão mais humana, que conceda primazia às pessoas e à construção coletiva. Quando isso ocorrer, o papel constitutivo e criativo da cultura dos povos, certamente, dará uma contribuição mais relevante em direção a uma economia com face mais humana.”

Quero agradecer aos convidados da Mesa que contribuirão com as suas falas. Agradeço, mais uma vez, a cada um e cada uma que deixou, hoje, suas atividades. Mas, agradeço, especialmente, porque sabemos que quem está aqui hoje é um militante da criação de um novo modelo de desenvolvimento.

Saúdo a atuação do Conselho Estadual do Cooperativismo, saudar as organizações que respondem, ao Unicafs, a OCEB, a todos e todas, e desejar que neste ano a gente continue aprofundando o diálogo, aprofundando essa reflexão e que cada um de nós no intercâmbio, compartilhando, a gente amplie essa rede para que o cooperativismo, esse espírito novo, esse novo modelo possa, cada vez mais, chegar a cada município, a cada



experiência e seja a ferramenta que nos leve para esse Brasil sem miséria de verdade, para todos os homens, para todas as mulheres, para todos e todas.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-02

Ses. Esp. II 14/06/12

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero desejar uma boa tarde a todos e a todas, parabenizar a deputada Neusa Cadore por ter proposto esta sessão especial muito importante para discutir esse tema: Cooperativas constroem um mundo melhor. E, como sempre, nas quintas à tarde há sessões especiais, mas há também muitas audiências que marcamos com os secretários exatamente neste dia porque é um dia mais disponível, não há votação, então nos dividimos entre o plenário, durante a semana, e hoje com as audiências.

Por isso, parabenizo a deputada e saúdo todos e todas, deixando que ela fique com a tarefa de conduzir a sessão. Eu ficarei mais um pouco ao lado da deputada e quando o horário não me permitir mais, sintam-se todos saudados. E saibam do meu compromisso, porque é dessa história de luta, de caminhada, de transformação e de busca de uma sociedade mais justa, sobretudo para o nosso povo da área rural, os agricultores e as agricultoras.

Eu queria dizer para o nosso secretário, que está ao meu lado, que o maior desafio que temos com as cooperativas é a gente encontrar no Estado uma forma de capital de giro, porque tudo que é feito com poucos recursos há dificuldade de prosseguir. Então, o senhor coloque na sua pauta, juntamente com os demais secretários, para a gente um dia ter uma fonte para apoiar as cooperativas dos pequenos agricultores.

Passo a palavra à deputada Neusa que conduzirá a sessão. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Quero, mais uma vez, fazer uma saudação a nossa querida deputada sertaneja Fátima Nunes, que é da Comissão de Meio Ambiente e tem aprofundado muito o debate das seca. É uma valorosa mulher que a gente tem nesta Casa, e sei que ela divide muito o tempo, está aqui, mas no final de semana está nas bases, ajudando na organização do nosso Semiárido. Muito obrigada, Fátima.

Eu queria também cumprimentar e convidar o deputado Carlos Brasileiro para fazer parte da Mesa. O deputado Carlos Brasileiro é ex-prefeito de Senhor do Bonfim, uma gestão exemplar (Palmas), e esteve neste segundo ano do governo Wagner à frente da Secretaria de Desenvolvimento Social, é um companheiro comprometido.



3592-II

Ses. Esp. II 14/06/12

Or. Débora Rodrigues

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando seguimento, eu quero passar a palavra agora a nossa companheira Débora Rodrigues, que é coordenadora da Associação Vida Brasil, pelo tempo de 10 minutos.

A Sr^a DÉBORA RODRIGUES:- Boa-tarde a todas e a todos.

Em primeiro lugar, quero saudar a deputada Neusa, em nome de quem saúdo toda a Mesa, parabenizá-la por esta iniciativa, porque cada vez mais ela tem promovido esses momentos trazendo para esta Casa temas que passavam muito tempo longe daqui. Então, ela tem sido porta-voz importante nos movimentos sociais nesta Casa, por isso, a gente quer, mais uma vez, destacar essa questão e parabenizá-la.

Quando recebi o convite, deram-me uma tarefa de trazer a questão das mulheres. Temos na Mesa o Joilson, que está representando o Fórum Baiano de Economia Solidária, e vamos fazer uma “casadinha”. Por isso, vou focar um pouquinho nesta discussão, qual a importância disso para as mulheres.

O cooperativismo, e quando falamos em cooperativismo falamos também de economia solidária, porque a forma de organização dos trabalhadores da economia solidária se dá também pelas cooperativas, pelas associações. Essa forma de organização já está inserida nas lutas dos trabalhadores, nas lutas de resistência ao modelo capitalista, ao processo de exclusão colocado pelo modelo capitalista. Daí a importância dela para os trabalhadores e trabalhadoras que lutam por um mundo melhor, que fazem o enfrentamento, principalmente nessa questão da pobreza. E nós mulheres, quando falamos da organização cooperativista, estamos falando de uma alternativa econômica para muitas mulheres.

Hoje, quando dizemos na economia solidária que a maioria... Principalmente na cidade essa questão fica mais forte, mas na área rural também é muito forte a participação das mulheres dentro dos empreendimentos econômico-solidários, entre eles as cooperativas. E aí, quando pegamos os dados – a deputada já trouxe alguns dados –, isso dá mais força



para reforçarmos, mas queria colocar assim: ano passado, no mapa da pobreza, tínhamos um dado que colocava a Bahia entre os estados que possuíam o maior número de pobres. A gente vê que de 2, 407 milhões de pessoas em situação de pobreza, que representam 14,8% dos pobres do País, número alto, 50,4 são mulheres. Percebemos que a mulheres estão buscando a saída da pobreza através dos empreendimentos da economia solidária, através das cooperativas, porque entendemos que a autonomia econômica e emancipação das mulheres pressupõe o poder econômico. As mulheres estão chegando cada vez mais ao poder, mas isso é possível também a partir do poder econômico, que é importante para a gente. Quando nos referimos à autonomia, referimos-nos à capacidade das mulheres de serem provedoras em seus lares, serem provedoras em sua vida. É disso que estamos falando.

A marcha mundial das mulheres diz que depende da formação, do acesso aos bens de consumo, ao crédito e à economia solidária. A emancipação econômica das mulheres passa por tudo isso, porque, quando somos a maioria dos pobres somos também os que temos menos acesso ao serviço público, à saúde, ao mercado de trabalho, aos bens econômicos e às propriedades. A ONU tem um dado que diz que de 70% dos pobres no mundo, 1% das propriedades do mundo está nas mãos de apenas 1% das mulheres. Somos 70% dos pobres mas temos apenas 1% dos bens de produção. O que o cooperativismo representa nisso para a gente? Representa que ele possibilita que as mulheres se apropriem dos meios de produção através da propriedade coletiva, porque é na propriedade coletiva permitida pelo movimento cooperativista e pelos empreendimentos econômico-solidários, que a mulher consegue ter acesso aos meios de produção.

Se somos a maioria dos excluídos, também estamos excluídos dos meios de produção. E aí perguntamos: que contribuições o cooperativismo e a economia solidária podem trazer para as mulheres? Ora, possibilitam esse acesso aos meios de produção através da propriedade coletiva, representam uma oportunidade para que as mulheres experimentem outras relações de trabalho com base na comunhão e na governança democrática. Possibilitam o processo de distribuição da riqueza, pois passamos a ter acesso à gestão do empreendimento. Ou seja, nos apropriamos dos meios de produção e conseguimos dividir o



resultado do nosso trabalho de forma justa e igualitária. Então são ganhos que o movimento cooperativista nos traz.

O cooperativismo, dentro da economia solidária, traz como resultado a construção de outro modelo de desenvolvimento. Ele oferece sistemas produtivos e sustentáveis que nos dão condições. Se olharmos quais são as experiências cooperativistas, quais são as experiências das associações da agricultura familiar, notaremos que elas conseguem dar mais sustentabilidade e que têm resistido neste momento, por exemplo, de seca. São elas que estão experimentando uma relação com a natureza de forma mais harmoniosa, cuidando e tratando a natureza de forma diferenciada.

No modelo cooperativista temos experiências que tornam os sistemas produtivos sustentáveis. Vemos a redução da disparidade de renda e de riqueza, com os ganhos e resultados divididos com justiça, e o reconhecimento das mulheres e do feminino uma economia fundada na solidariedade, na qual elas podem cuidar dos seus filhos e trabalhar num ambiente mais justo, mais fraterno. Não são tratadas como máquinas – como acontece nas grandes empresas –, sendo respeitada a sua condição feminina dentro dos empreendimentos.

Há a valorização e a inclusão de todas as pessoas no desenvolvimento, já que a economia solidária não trata apenas do econômico. Nesse modelo é valorizada a relação com o meio ambiente, com as questões sociais. Na verdade, na sua grande maioria é resultado dos movimentos sociais. Se pegarmos, hoje, onde estão as melhores experiências de cooperativismo, aquelas que não são apenas de fachada, perceberemos que no cerne dessas experiências existe toda uma relação com o movimento social. Notaremos que todas elas trazem o cooperativismo, a economia solidária como proposição de outra forma de fazer economia, com a visibilidade e o reconhecimento do trabalho das mulheres e sua contribuição na produção da riqueza.

É por isso que afirmamos que a economia solidária e o cooperativismo são outra forma de se fazer economia. Na verdade, são estratégias de desenvolvimento, já que tratam as questões socioambientais e políticas nas suas diversas dimensões dentro do



empreendimento, trazendo uma nova proposta de desenvolvimento com justiça social e distribuição de riquezas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



3593-II

Ses. Esp. II 14/06/12

Or. Libanilson Braga de Oliveira

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, Débora.

Quero agradecer e registrar as presenças aqui de dez municípios, onze com Salvador: Pintadas, minha terra; Camaçari, que tem uma turma grande; Lauro de Freitas; Gavião; Itaberaba; Teofilândia; Cruz das Almas; Central, muito longe; a turma de Valença; Inhambupe; Bonito, na Bahia; Feira de Santana; Irecê; e Rui Barbosa.

Também quero registrar que nos dá grande alegria por estar conosco o Dr. Helbert Oliva, que foi superintendente da economia solidária e que colaborou muito aqui para que aprovássemos a lei. Obrigada pela presença. Ele está acompanhado pela equipe da Sesol.

Quero registrar a presença de Wellington Rezende, nosso delegado federal do MDA; Luiz Orleans, que representa aqui o nosso senador Walter Pinheiro, que não pôde estar presente; Matheus Cotrin, representando o nosso deputado federal Afonso Florence; da nossa companheira Cleuza Santos, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Domésticos; deputado João Bonfim, e aos poucos vamos registrando as presenças.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade quero convidar o diretor da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar, o nosso companheiro de Bonito, Libanilson Braga de Oliveira, por 10 minutos.

O Sr. LIBANILSON BRAGA DE OLIVEIRA:- Boa-tarde a todos e a todas, gostaria de saudar a Mesa, nas pessoas da proponente da sessão, deputada Neusa Cadore, e do secretário Nilton Vasconcelos, representando aqui o governo do Estado; companheiros das Galerias e a todos presentes, um grande abraço.

Primeiro, o nosso presidente Urbano Carvalho não pôde se fazer presente, e como membro do conselho de administração aqui o estou representando.

Quero dizer, deputada Neusa, da nossa satisfação e prazer de ter este espaço para o debate e a divulgação do cooperativismo. Para nós, que construímos o cooperativismo, este é



um momento ímpar, um momento importante, porque sempre dizemos: cooperativismo se constrói todo dia, a cada dia e a cada minuto, e é nesses espaços que vamos construindo, conscientizando os companheiros de que o cooperativismo é outra forma de conviver na sociedade, contrapondo este modelo excludente e capitalista.

A Unicafes surge então para articular, integrar e representar as diversas organizações do mundo do trabalho e da sociedade, tanto na produção quanto na comercialização, quanto no consumo e nos diversos ramos da sociedade. A Unicafes vem surgindo para fortalecer a agricultura familiar, para crescer o movimento do cooperativismo no Estado da Bahia, mas acima de tudo contrapor essa forma de exclusão social que o sistema capitalista impõe.

Sabemos que o modelo cooperativista é atualmente reconhecido no mundo como uma importante ferramenta para a organização das pessoas na superação da pobreza e desenvolvimento econômico e, por que não dizer também, economia solidária com inclusão social.

Nos últimos anos, vimos aqui no Estado a luta, e foi preciso juntar a OCEB e a Unicafes nesse momento, num ponto de união para criar um projeto comum. Nós estamos falando do projeto de construção da lei do cooperativismo, a Lei nº 11.362/2009.

Então, essa trajetória é muito importante, e temos aqui, na Mesa, a proponente desta sessão, que foi a relatora do projeto e soube absorver os diversos anseios nossos, a nossa luta e traduzir isso em um projeto de lei que foi apresentado ao Executivo. E foi através da sua relatoria que o projeto foi aprovado aqui, na Assembleia, e o governo sancionou a Lei nº 11.362/2009, em janeiro de 2009, aprovando a Lei do Cooperativismo no Estado da Bahia.

Então, é importante falar um pouco dessa história para saber em que pé estamos, para planejar o futuro que queremos. Esta lei, para nós, é inovadora, porque até então os governos anteriores não a criaram e nós também não tivemos forças. Nós, da agricultura familiar, do cooperativismo também não tínhamos acúmulo de forças para ter forçado a criação dessa lei anteriormente. Só em 2009 foi possível a criação, abrindo portas para o



crescimento do cooperativismo, da economia solidária e o crescimento e o fortalecimento da agricultura familiar.

São diversas as cadeias de produção, os diversos ramos de atividades econômicas em que estamos inseridos no campo e na cidade, construindo o cooperativismo e a vida melhor que nós queremos.

As cooperativas estão empenhadas em traduzir, já que a ONU declarou e foi iniciada uma campanha mundial, que 2012 é o Ano Internacional do Cooperativismo. Então, clamamos a todos para nos empenharmos. E há uma determinação da ONU para que os poderes constituídos, governos nacional, estadual e municipal, as esferas de poder Executivo e Legislativo, juntamente com a sociedade, empenhem-se em traduzir este ano internacional como uma campanha internacional para o fortalecimento do cooperativismo, para um maior conhecimento, maior consciência das pessoas de que só com o cooperativismo e a economia solidária poderemos contrapor-nos a esse mundo em que estamos vivendo, a esse sistema capitalista que exclui as pessoas. Mas nós, como diz a companheira Débora, de forma organizada, homens e mulheres se organizando na sociedade através de cooperativas, conseguiremos transpor esse sistema excludente.

E a Unicafe deixa suas portas abertas para discutir com todos o movimento cooperativista e a economia solidária, uma forma de atuarmos aqui, na Bahia, mas de forma organizada e combatendo as injustiças sociais.

Outra coisa que precisamos construir também através da Unicafe e todos os companheiros é a parceria com o movimento social, a parceria com o movimento sindical e as diversas organizações do cooperativismo. Precisamos pedir aos parlamentares e ao governo do Estado que olhem o campo com mais carinho. Estamos passando pela pior seca que já houve no Estado da Bahia e ainda não temos estrutura para nos contrapor a ela. Estamos com diversas dificuldades, animais são dizimados, seres humanos estão passando por dificuldades, sofrendo as consequências da seca.

Então, ao mesmo tempo em que comemoramos o Ano Internacional do Cooperativismo, estamos aqui, nesta sessão especial, fortalecendo e construindo esse novo cooperativismo. Também queremos conclamar os nossos representantes parlamentares, os



nossos representantes nos governos estadual e federal para que olhem com carinho, porque o Estado da Bahia precisa de ações urgentes. Não falamos de ações de emergência, de paliativos, queremos ações estruturantes para conviver com a seca, para preservar o meio ambiente e ter em uma vida harmoniosa no campo.

Então, por isso, deixamos aqui a nossa reivindicação às deputadas Neusa e Fátima e ao deputado Carlos Brasileiro, que aqui se faz presente: que vocês discutam aqui, nesta Assembleia, que ajudem o nosso governo do Estado a propor medidas estruturantes e que sejam levadas a tempo para melhorar a vida do homem e da mulher do campo, assim também como ações que venham a desenvolver melhor a economia baiana no campo da agricultura familiar e da economia solidária.

Fico por aqui deixando um abraço para todos e vamos construir o cooperativismo que é o melhor modelo para transformar esta sociedade.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



3594-II

Ses. Esp. 14/06/12

Or. Fátima Nunes

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

A Sr^a PRESIDENTE (Neuza Cadore):- Agradecemos ao companheiro Libanilson e quero ainda registrar a presença de alguns vereadores: temos aqui Valberto Almeida, presidente da Câmara de Pintadas; vereador Dito, de Itabaeraba; Vereador Juninho, de Gavião; registrar a presença de Milton Ramos, diretor-presidente do Sicob sertão- Pintadas; Milka Martins, presidenta da Conarte – Associação Reciclando com Arte; Dilson Neves Jesus, presidente da Federação das Associações dos Agricultores de Jequiçá- Valença; Marcos Augusto Jesus Souza, presidente da Copersac; Célia Lopes, presidente da Companhia Cultural Lobos; Josué Almeida de Oliveira, vice-presidente da Cooperativa de Transporte de Pintadas; Alaerte Martins, presidente da Coperil, Cooperativa de Ensino da Região de Irecê; Dr^a Maria Pisa do Amaral Pondé, presidente do conselho de administração da Cooperativa de Crédito Mútuo do Ministério Público, que é o Poder Judiciário, Defensoria, Polícia Civil do Estado da Bahia.

Vamos, dando continuidade, já que a deputada Fátima tem outras agendas, passar a palavra para ela fazer a sua saudação.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Bem que já disse boa tarde a todos e a todas, mas com a palavra da nossa presidente jamais poderia deixar de, mais uma vez, vir à tribuna desta Casa.

Quero saudar a nossa presidente, deputada Neusa Cadore, que neste ano que celebramos internacionalmente o movimento cooperativismo, teve a iniciativa de trazer para esta Casa, nesta tarde, o debate desse tema com uma mesa grandiosa, formada por companheiros e companheiras da luta histórica do movimento sindical, do movimento social e do movimento de cooperativismo, como disse a nossa companheira Débora e o companheiro Libanilson, e também representante da OCEB, esse grande movimento da Bahia.



Quando iniciamos, nos anos de 78, 79, as nossas organizações de cooperativas tínhamos que nos dirigir à OCEB, naquela época as cooperativas eram muito mais dos cafeicultores, dos grandes pecuaristas, e fomos entrando devagarzinho e dizendo – olha, tem pequeno também que se organiza para fazer doce, cocada, picolé, tem gente que se organiza também para plantar milho, feijão, tem gente que se organiza para comprar o adubo de forma coletiva aqui em Feira de Santana e leva para o interior, e nós queremos fazer parte dessa OCEB também, e como diz o povo, devagarzinho nós conquistamos uma boa parceria.

Então, neste ano de 2012, que celebramos o ano internacional do cooperativismo, olhamos para esta plenária e encontramos aqui companheiros e companheiras não de velhas, porque somos todos e todas jovens, mas já de um bom tempo de caminhada e de desejo de transformação deste nosso Brasil, como o desejo de que os homens e as mulheres aproveitem essa grandeza que Deus deixou para nós neste grande País para que ela possa servir de oportunidade a todos e todas.

Então a gente, na verdade, tem muita razão para celebrar porque aquilo que era apenas para alguns começou a ser de todos. Mas somente começou, porque a caminhada que temos de alcançar ainda está bastante longa, já que este País não foi feito por nós. E esse calhamaço de leis que faz a institucionalidade do Estado também não foi feito por nós, que estamos aqui presentes, nem com o objetivo de nos servir. Foi feito assim, numa linhagem de atender os interesses daqueles que ocuparam, vieram buscar, acharam que aqui no Brasil se podia pegar tudo, levar e deixar para nós a sobra e o cativo.

Mas os teimosos, os inconformados, os indignados nunca concordaram com esse modelo. E até agora não concordamos. Por isso, estamos sempre presentes celebrando as conquistas, mas apontando o rumo do que queremos alcançar. Hoje mesmo, estava no avião ao lado do governador Jaques Wagner sobrevoando de Jaguarari até aqui pouquíssimos rios, córregos e bacias com água, e ele fez questão de pedir lá na região onde estava viajando de helicóptero que sobrevoasse bem baixinho para ter realmente essa visão que nos aperta o coração e nos faz sofrer muito. Eu então aproveitei a oportunidade para dizer: “Governador, graças a Deus e ao Programa Água para Todos, hoje fomos inaugurar mais um sistema lá em Jaguarari, e nosso povo não está sofrendo tanto.” Mas precisamos ampliar a oferta de água



reservada pela chuva porque hoje os caminhões-pipa estão indo buscar água nas barragens do DNOCS, feitas há 40 anos.

Então neste momento realmente as nossas organizações, como as Cooperativas do Umbu, que faz com que o nosso povo esteja tendo alguma renda lá em Uauá, de Inhambupe, que é de crédito mas tem também a dos agricultores familiares, e de Pintadas, que para nós é do outro lado do sertão, foram um exemplo. Quando começou a cooperativa de Pintadas, nas nossas regiões do sisal e de Euclides da Cunha, pegava-se o carro semanas e semanas para aprender, trocar as nossas experiências e construir essa oportunidade também.

Atualmente temos lá a Cooperativa do Caju, a do Mel. Enfim, com esse esforço coletivo nós espalhamos, esparramamos pela Bahia inteira esse modelo e o sentimento de que isolado, sozinho, ninguém é capaz. Portanto, vamos nos unir, nos organizar e transformar. E é isso que estamos hoje celebrando ao apontar aqui este caminho.

Também nessa caminhada nós já sabemos, já temos consciência, pelo menos para a agricultura familiar e os empreendimentos da economia solidária, de quais são os nós. Temos os nós da burocracia, de uma lei que até então não existia. De qualquer forma, graças a um grande empenho, como já foi citado aqui pelo companheiro Libanilson, já temos essa lei. Mas qualquer lei que fica no papel e não vai para o dia a dia, na prática, é lei morta.

Portanto, estamos ainda nessa batalha para fazer com que esta lei, de fato, comece a ser operacionalizada na OCEB e nos bancos, como o Banco do Nordeste, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, o Desembahia, porque muitas coisas, muitas ideias, muitas propostas - pequenos projetos que trazemos a essas instituições como forma de fortalecer a nossa ação no cooperativismo - várias vezes ficam travadas, já que a mesma lei de um grande cooperativismo dos caminhoneiros da Ford e de outros empreendimentos de pessoas que têm mais capital é exigida de nós, que temos apenas a casa do mel e as colmeias, a Casa das Frutas e os pequenos empreendimentos para modificar, transformar as frutas, empacotar e colocar no comércio. Então, ainda temos alguns gargalos dessa burocracia a serem vencidos.

Segundo, o Banco Central precisa olhar para o cooperativismo e destinar parcela do montante que os bancos emprestam aos pequenos empreendimentos da economia solidária e para as cooperativas com uma possibilidade de acesso a crédito, com uma



carência mais longa para prestação de contas. Do contrário, vamos estar sempre lutando e querendo mais, porque é nosso objetivo. Temos, porém, que transformar isso no núcleo do poder central em Brasília e aqui na Bahia.

Agradeço a todos, agradeço à deputada Neusa Cadore pela oportunidade. Sei que ainda temos as outras pessoas que estão na mesa para falar, mas gostaria de dizer que estamos sempre nessa empreitada, acreditando no cooperativismo como fortalecimento e empoderamento dos pequenos e da transformação da nossa sociedade para termos um mundo mais justo e mais oportunidades. Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



3595-II

Ses. Esp. II 14/06/12

Or. Joilson Santana

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore): - Gostaria de registrar e agradecer a presença do nobre companheiro, deputado Rosemberg, saudar doutor Milton Barbosa, superintendente de Economia Solidária da Setre; Carla Mendes, presidente do Instituto Amigos Solidários de Camaçari; Gilvan Santos, superintendente da Cootrasb, de Ituberá; Valdemir dos Santos, presidente do Instituto Amigo Solidário; José Dalmo Alves Neto, diretor-presidente da Coopesba; Nelson Dutra, jornalista da Coteba; Elias de Oliveira Rios, presidente da Rede Pintadas; Jair Romualdo de Oliveira, presidente da Coomap; José Eduardo Rocha Reis, diretor-presidente da Cooperativa de Crédito Rural em Inhambupe.

Convidamos para fazer uso da palavra nosso companheiro Joilson Santana, que nesta mesa representa o Fórum Baiano de Economia Solidária.

O Sr. JOILSON SANTANA:- Boa tarde. Boa tarde, deputada, boa tarde, secretário. Saúdo a mesa em nome das mulheres - peço licença aos homens da mesa: deputada Fátima Nunes, Débora Rodrigues e deputada Neusa Cadore. Parabenizo a deputada e agradeço-lhe o convite em nome do Fórum Estadual de Economia Solidária. Sou Joilson Santana, represento hoje este espaço. Parabenizo a deputada pela sessão, pelo momento, pelo ano em que a ONU estabelece como o Ano Internacional do Cooperativismo. Isso nos serve de reflexão sobre as possibilidades de pesquisa, de aprofundamento e mais do que nunca para reprojarmos os nossos desafios, avaliar nossos passos, compreender e construir novos encaminhamentos para que a conduta do cooperativismo no Estado da Bahia, na nação brasileira e no mundo, se pudermos estabelecer dessa forma, possa ser compreendida de fato como alternativa real, viável e justa. Assim poderemos consolidar o trabalho e o desafio que homens e mulheres – principalmente as mulheres – de fato constroem e tentam, na verdade, consolidar a partir das práticas de diversos segmentos.

O espaço do Fórum, ou seja, a questão da economia solidária nesse contexto de fato traz uma reflexão de modelo, de perspectiva, de desafio, de uma proposta capaz de



viabilizar humanamente as questões diversas da sociedade, sendo ela de conduta segregadora, excludente e que traz, na verdade, para muitos brasileiros e brasileiras, trabalhadores e trabalhadoras de diversos ramos angústia e sofrimento. No caso do Estado da Bahia, temos diversos empreendimentos econômico-solidários que despontam, que têm trabalhado e têm resistido, mas temos vários desafios ainda a serem enfrentados. Temos um momento de avanço no campo burocrático. Temos uma lei com muita discussão aprovada nesta Casa, sancionada pelo governo do Estado. E acreditamos, de fato, que muito mais precisamos fazer para que o que a deputada, há pouco, colocou seja na prática consolidado, construído, a partir da lei. Acho que este é o grande desafio, na verdade, da maioria das leis que nós temos.

Claro que o caminhar é longo, nós compreendemos, sabemos disso. O fato da lei existir já é um grande passo. Nós agora precisamos fazer com que ela traduza na nossa vida a transformação e o que dela decorrer possa ser exemplificado na vida dos trabalhadores e trabalhadoras das cooperativas, nos empreendimentos da economia solidária no campo da agricultura familiar.

Ao longo dos anos, aproveitando o momento e o ensejo da discussão das nações em busca do desenvolvimento sustentável, se pudéssemos resumir para os representantes das nações que lá estão a gente diria o seguinte: se for assumida, de fato, a bandeira da economia solidária como plataforma para que o mundo seja reordenado, reorganizado, com certeza, vai ser alcançado o chamado e sonhado desenvolvimento sustentável.

Temos nas mãos, na prática, na cabeça dos trabalhadores e trabalhadoras, no campo e na cidade, no dia a dia, o desenvolvimento de uma prática trabalhadora capaz de mudar a vida e emancipar várias pessoas.

Não temos dúvida de que o desafio da economia solidária é enorme. É preciso continuar na perspectiva do fortalecimento desses empreendimentos como campo de sobrevivência, como campo de possibilidade e criatividade, mas mais do que isso, como forma de possibilitar a essas pessoas uma vida digna, próspera, justa e solidária.

Mais uma vez, coloco esse momento como importante. Esse ano ser reconhecido pela ONU como o Ano do Cooperativismo também é importante, mas mais do que isso, é o



ano para podermos nos debruçar sobre alguns desafios e possibilitar que alguns deles possam, ao longo dos próximos dois anos, virar prática operacional na nossa vida.

Quero mais uma vez agradecer o convite da deputada e nos colocar à disposição para o debate em fóruns na construção de um cooperativismo mais forte, mais solidificado, mais emancipador do ponto de vista do fortalecimento dos trabalhadores e trabalhadoras que trabalham, operam nesse segmento.

Muito obrigado e parabéns. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3596-II

Ses. Esp. II 14/06/12

Or. Cergio Tecchio

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

A Srª PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Obrigada, Joilson.

Continuando os registros temos a companheira Nereide Segala, da Cooperativa Ser do Sertão; representantes da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia; do SICOOB Central Bahia; da Escola Família Agrícola Mãe Jovina, de Rui Barbosa; do Sescop; da UFRB; da Coopacita; da Coof -Saúde; da Comap; e da Central das Associações de Valença.

Temos a satisfação de chamar para fazer uso da palavra o nosso companheiro Cergio Tecchio, presidente do Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado da Bahia – OCEB.

O Sr. CERGIO TECCHIO:- Deputada Neusa Cadore, presidente desta sessão, quero cumprimentá-la e agradecer a oportunidade de estarmos aqui. Em seu nome quero agradecer aos demais deputados desta Casa. Agradeço ao Exmº. Sr. Nilton Vasconcelos, secretário do Trabalho e presidente do Conselho Estadual do Cooperativismo do Estado da Bahia o qual ele preside com grande maestria e muito interesse. Temos trabalhado muito juntos. Aos demais componentes da Mesa o nosso muito obrigado. Agradeço ainda aos inúmeros companheiros presidentes de cooperativas aqui presentes, aos colegas do conselho da Sescop e da OCEB que estão aqui prestigiando esta sessão; a todos os cooperativista do Estado que nesta oportunidade ocupam esta Casa para falar um pouco do cooperativismo nesse ano internacional, em que se está falando e comemorando, no mundo todo, este ano internacional do cooperativismo.

Como surgiu isso? A cada ano, a Organização das Nações Unidas – ONU – elege um assunto ou um tema de interesse universal, um tema que promove a reflexão de todos os povos. O objetivo é fazer com que tal assunto ou tema seja discutida pela sociedade e que isso leve ao desenvolvimento do povo do mundo todo.

Em 2012, o tema escolhido foi as cooperativas. Então o sentido da escolha do cooperativismo é que ele reflete um sentimento mundial da sociedade que deve ser discutido



e refletido pelos povos do mundo todo. A cooperativa constrói um mundo melhor. Ele é, na opinião do diretor geral da Aliança Cooperativa Internacional, que é o proponente da ONU para que 2012 fosse o ano internacional do cooperativismo, foi quem propôs à ONU a discussão do cooperativismo neste ano. Ele diz que o tema se baseia em princípios e valores do que o cooperativismo representa tanto econômica como socialmente à sociedade.

Então, segundo o nosso presidente da ACI, este é um tema para reflexão da sociedade, tanto em aspectos econômicos como em aspectos sociais do cooperativismo.

A escolha da ONU não é sem propósito. As cooperativas ocupam papel crucial na sociedade, sendo uma forma de organização para o trabalho que privilegia a inclusão, a democracia, a participação e a justiça social e econômica.

Tem sido assim, ao longo dos séculos, no mundo e no Brasil, fazendo cumprir os princípios do cooperativismo. Quais são esses princípios? Adesão voluntária, as pessoas se propõem a participar. A gestão democrática e o cooperativismo, em seu princípio fundamental, têm a democracia. E estamos, aqui, na Casa que representa a democracia e o debate. Existe, também a participação econômica dos seus membros. No cooperativismo, as pessoas participam economicamente. Elas têm o direito igual à sua capacidade. Quanto à autonomia e à independência, as cooperativas não podem ser subordinadas a quem quer que seja, a não ser a seus próprios membros e associados. São eles quem decidem sobre o destino da cooperativa.

Temos a educação, a informação e a formação como princípios do cooperativismo. Para nós termos uma sociedade democrática e justa e para participarmos, temos de ter esse princípio muito forte que é a formação dos membros do cooperativismo.

Temos, também, a intercooperação como princípio. Não é só cooperar entre os membros da cooperativa, mas entre as sociedades cooperativas. É fazer uma rede de cooperação.

Temos um sétimo princípio, tão importante quando os demais, que é o interesse pela comunidade. O que é isso? A cooperativa deve estar junto com a sociedade e estar inserida no meio em que ela vive. Não é como muitas empresas que se instalam em



determinada região e quando não tem mais seu lucro vão embora. A cooperativa não; a cooperativa é inserida e faz parte dela a sociedade em que vive.

Se sou de uma comunidade, a minha cooperativa é daquela comunidade; não vai sair, amanhã, daquele lugar para outro município, para outro estado ou outro país. Ela faz parte daquela comunidade, por isso que traz o desenvolvimento.

As cooperativas surgiram em 1848, na Inglaterra, com a primeira cooperativa formal. Temos mais de 1 bilhão de sócios no mundo todo hoje; temos mais de 100 milhões de funcionários; são mais de 100 países onde formalmente existem cooperativas. Então é uma sociedade que vive em qualquer sistema político existente.

No Brasil, as primeiras cooperativas surgiram há mais de 100 anos. Este ano a presidente Dilma Rousseff decretou, no dia 28 de dezembro, como o Ano Nacional de Cooperativismo. E foi na cidade de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, onde surgiu, segundo os registros, a primeira cooperativa. Talvez poucos saibam dessa informação. As cooperativas surgiram no Brasil trazidas pelas colonizações alemães, italianas e, mais tarde, por outras colonizações do mundo afora. Todas elas marcadas pela autonomia, independência e prestam serviços a toda a comunidade, buscando suprir as necessidades dos trabalhadores associados.

Assim como acontece no mundo, no Brasil também temos muitas cooperativas. Em 2010, as 300 maiores cooperativas do mundo movimentavam mais de 1,5 trilhão de dólares. E entre essas 300 só há uma brasileira. Então vocês podem observar quanto espaço ainda temos para crescer no mundo cooperativista.

O nosso marco regulatório brasileiro é de 1971, com a lei 5.764. Somente 40 anos depois a Bahia regulamentou essa atividade. E a deputada foi relatora desse projeto da regulamentação do cooperativismo baiano. O nosso governador Jaques Wagner, 1 ano após, em 2011, sancionou a regulamentação do decreto que regulamentou as cooperativas, num trabalho muito forte do nosso secretário do Trabalho, Nilton Vasconcelos, e de toda a comunidade cooperativista baiana.

O que nos cabe agora? Fazer com que essa lei e esse regulamento, deputada, sejam cumpridos. Temos na nossa lei, que é muito bem feita, e no nosso decreto compromissos que



o Estado tem de assumir, tem de fazer. E nós do cooperativismo temos de participar e cobrar isso, porque não adianta termos uma lei que não seja cumprida, que não seja executada.

Para vocês terem uma ideia, temos inúmeras vantagens nessa lei que não estamos colocando em prática. Precisamos disso. É um alerta a todos os presentes, ou seja, que essa lei seja cumprida. Foi uma luta para conseguir, mas temos que ter uma luta maior ainda agora. Vamos juntos, dirigentes e o pessoal desta Casa, cobrar a quem de direito que essa lei seja posta em prática, seja efetiva, trazendo resultados a todos nós do cooperativismo baiano.

Agradeço ao secretário presidente do nosso Conselho Estadual, à deputada, e convido todos para participarem dos eventos divulgando o cooperativismo neste Ano Internacional do Cooperativismo. Agradeço, principalmente, à deputada Neusa Cadore, que propôs esta sessão. Ela é relatora da lei e defende o cooperativismo nesta Casa, nosso muito obrigado.

Obrigado a todos e vamos comemorar. Sei que temos muitas dificuldades, as dificuldades existem, mas existem também momentos de comemorações. Vamos trazer o cooperativismo para toda a sociedade baiana.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3597-II

Ses. Esp. II 14/06/12

Or. Nilton Vasconcelos

“Cooperativas Constroem um Mundo Melhor”.

A Sr^a PRESIDENTE (Neusa Cadore):- Muito obrigada, Cergio Tecchio.

Queria registrar a presença do vice-prefeito de Itaquara, Francisco Santedicola e do vereador Antônio Marcos.

Com muita honra vamos ouvir o Secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte da Bahia, e que também preside o Conselho Estadual do Cooperativismo, um importante conselho para todos nós.

Com a palavra Nilton Vasconcelos, que representa o nosso governador.

O Sr. NILTON VASCONCELOS:- Boa tarde a todos.

Quero, antes de mais nada, parabenizar a nossa deputada Neusa Cadore, que tem o seu nome registrado nos anais do cooperativismo neste Estado, pelas iniciativas que tem adotado nesta casa Legislativa, bem como em toda a condução do debate sobre a lei do cooperativismo e a sua regulamentação. E mais uma vez sendo proponente desta sessão.

Cumprimento o Cergio Tecchio, presidente do Sindicato e Organização das Cooperativas da Bahia; a Sr^a Débora Rodrigues, coordenadora da Associação Vida Brasil, entidade que há muito tempo atua na área de suporte à economia solidaria, e o Sr. Libanilson Braga de Oliveira, diretor da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar.

Quero aproveitar e dizer o quanto foi proveitoso ouvir os discursos desses que por aqui passaram. Com isso, nós tivemos um mosaico do cooperativismo, dos seus dilemas, das suas dificuldades e também das soluções.

Quando falamos de cooperativismo, falamos de um número muito diverso de organizações sobre a égide de uma única lei, que é a lei do cooperativismo no país, mas que reúne organizações como as chamadas cooperativas populares, que são as organizações que têm uma característica, cujo maior capital é o capital humano. Muitas vezes é construído em cima de uma série de deficiências tecnológicas e aspectos que o próprio mercado, hoje, tem absoluta resistência em dar eficiência a essas organizações, porque são organizações que



começam tendo que resolver o problema de muita gente, nem sempre com o capital e o investimento necessário.

Portanto, é o pouco que se consegue para dividir com muitos. São os dilemas em que vivem, por exemplo, os cooperativistas da área de reciclagem. Área que tem crescido, sobretudo na Bahia e no Brasil, em nível de organização, inclusive, sul-americana. Assim, outros ramos do cooperativismo têm enfrentado esses dilemas.

Mas, também nós temos no Brasil grandes cooperativas. Vocês devem ter recebido um panfleto “Bahia Cooperativas, Bahia e Números”, que na verdade nada mais é do que um extrato de uma publicação do Ministério do trabalho do Emprego, que refere muito nos dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). As informações são, portanto, daquelas cooperativas que informaram a quantidade de empregados que têm. A princípio, as cooperativas que não têm a declarar empregados seus, próprios, não estão nesses números.

Vemos que as cooperativas no Brasil, hoje, empregam quase 300 mil pessoas. Na Bahia, esse número está em torno de mil pessoas, e tem estado relativamente estável nesse número.

As cooperativas tiveram, tradicionalmente, uma presença na párea rural, na área de leite, pecuária. Mas, esses mesmos números do Ministério do Trabalho, por exemplo – tive a curiosidade de levantar – das 24 mil cooperativas que integram esse estudo, 5.637, ou seja, 19% delas são do segmento de comércio de reparação de veículos automotores. Outras 4.685, e cresceu 47% no último período, de atividades financeiras de seguros e serviços relacionados.

Vejam que vai havendo uma mudança no perfil do cooperativismo, à medida em que os ramos do cooperativismo se ampliam e vão gerando uma situação bastante nova. Entre aquelas, por exemplo, que têm mais de 5 empregados, desses 296 mil, 34.600 estão nas cooperativas de planos de saúde; 18 mil, no abate de aves. São números que precisamos analisar e compreender melhor. Este foi, inclusive, o tema da última reunião do Conselho Estadual do Cooperativismo.

Precisamos ter uma visão mais precisa do que é o cooperativismo na Bahia. Na primeira quinzena de julho, lançaremos um catálogo das cooperativas existentes no Estado



da Bahia, com base nas informações da Junta Comercial do Estado, como uma primeira tentativa de termos uma relação e darmos publicidade a isso. Acreditamos ser um primeiro passo no sentido de ajustarmos e avançarmos no conhecimento dessa nossa realidade.

Outras publicações estão sendo trabalhadas. Estivemos com a Superintendência de Estudos e Informação, a SEI; em pelo menos duas publicações, uma edição especial da *Revista Bahia Análises e Dados*, e um outro estudo específico, devem contribuir para que nos aprofundemos na compreensão dessas dificuldades.

Nos referimos aqui, não apenas à lei, mas também ao decreto que regulamentou e deu os primeiros passos dessa estruturação no Estado. O Governo do Estado, já há algum tempo, tem uma coordenação de cooperativismo vinculada à Secretaria de Agricultura, até porque, como eu disse, a tradição era termos, principalmente, cooperativas na área da agricultura. Com o conselho, queremos ampliar essa visão, e ter uma observação mais precisa dos mais variados ramos.

Há pouco, discutimos com um cooperado da cooperativa do trabalho na área industrial - falo de uma cooperativa que já existe há 20 anos - que é uma área, inclusive, que merece muitos cuidados, já que, em não poucas oportunidades, houve denúncias dos próprios trabalhadores de que a forma cooperativista estava sendo deturpada para reduzir e, sobretudo, reduzir aqueles desembolsos correspondentes aos encargos trabalhistas. Mas vimos que não, que esse segmento vem se fortalecendo, e interessa ao próprio cooperativismo separar o tipo de organização que procura desvirtuar as relações de trabalho, de uma outra que, ao contrário, que inclusive nós vimos aqui, é um tipo avançado de relação de trabalho. As cooperativas são, ao meu ver, um estágio superior, mais avançado de relação, porque ela pressupõe a cooperação entre indivíduos na resolução de problemas determinados, sobretudo da sua sobrevivência.

As cooperativas já foram criadas há séculos, mas vejam que, no Brasil e na Bahia, muitas vezes ouvimos o discurso de que não temos tradição de produção associada. Temos um número relativamente pequeno de cooperativas. Esse levantamento que nós temos, a partir de dados da Junta Comercial, informa que há 1.700 cooperativas aproximadamente. Nesse levantamento as cooperativas que possuem empregados giram em torno de 1.000. Há



ainda muitas outras organizações que se reconhecem como cooperativas, mas que ainda não estão formalmente estruturadas dessa forma.

Nós pretendemos, e é esse o grande diferencial desse Conselho em relação a outros conselhos no Brasil inclusive, ter a capacidade de reunir a União das Cooperativas da Agricultura Familiar, uma organização como a OCEB, que também é, não sei se centenária, me desculpem, mas já tem décadas de existência na Bahia, e o seu correspondente a nível nacional, a OCB.

Nós temos, sim, desafios. Este ano, à medida em que nós possamos publicar uma cartilha sobre o cooperativismo, a ideia é aprofundar o trabalho junto com a Secretaria de Educação do Estado, por exemplo, porque entendemos que é preciso difundir uma cultura do cooperativismo para que ele possa crescer. E isso se aprende também. Isso pode ser aprendido na escola.

Nós temos, portanto, muitos projetos. Aqui foi falado sobre o problema do crédito. Há crédito para o cooperativismo. Há uma iniciativa, inclusive, pioneira no âmbito da Desenhavia e que envolve a Secretaria do Trabalho, que é o Credibahia, programa de microcrédito do governo do Estado da Bahia. Mas há especificamente uma modalidade que é o Credisol, que garante condições equivalentes ao crédito para agricultura familiar e para cooperativas no meio urbano. Esse crédito pode ser concedido tanto à cooperativa, estruturada como tal, como também aos cooperados, o que facilita enormemente a concessão desse benefício. Para isso, é indispensável o acompanhamento de organizações como a Superintendência de Economia Solidária – estão aqui os dois superintendentes da Economia Solidária. Como se sabe, essa superintendência foi criada pelo governador Jaques Wagner, e passou a funcionar em janeiro de 2007. Welbert foi o primeiro superintendente e, agora, Milton Barbosa dá continuidade a esse trabalho.

Um dos mecanismos utilizados por nós para dar suporte ao florescimento do cooperativismo, é através das incubadoras de cooperativas, focadas principalmente naqueles segmentos que têm mais dificuldade de se estruturar. Uma política pública precisa ser abrangente, e o próprio decreto que regulamenta estabelece um tratamento diferenciado em função do porte da cooperativa. Tudo isso precisa ser trabalhado.



É claro que o governo do Estado não faz o cooperativismo, vocês fazem o cooperativismo. Nós precisamos, justamente ao ser demandados, também buscar essas soluções, para que venhamos, cada dia mais, fazer o cooperativismo se fortalecer e crescer na Bahia.

Acho que há muito espaço, aqui foi dito que nós somos um Estado com muita particularidade, dentre elas a maior é ser o Estado com o maior número de famílias vinculadas ao Programa Bolsa Família.

Então, precisamos, sim, entender que o cooperativismo é uma forma de enfrentar esse tipo de problema, de superação das dificuldades sociais para toda essa gama de pessoas. Mas é necessário também saber que é preciso muita informação, muita capacitação profissional, porque o cooperativismo requer qualificação no desenvolvimento do trabalho, especialmente o compromisso em matéria de formalização legal e cumprimentos formais e tributários. É imprescindível que as cooperativas avancem nessa compreensão para que possam, sim, fortalecer-se e incorporar esse contingente populacional a que já nos referimos.

Temos procurado, na Secretaria do Trabalho, tratar de maneira abrangente, incorporando um conjunto de trabalhadores, ou seja, atender não apenas àqueles que buscam o emprego, mas também àqueles que têm a possibilidade de atuar como autônomo e àquele que queira trabalhar de forma associativada. Ou seja, são vários os caminhos, mas sempre buscando indicar o quão importante e o quanto podemos crescer na área do cooperativismo em nosso Estado.

Temos este ano, também, um momento importante de discussão do cooperativismo no Brasil, que é a Conferência Nacional do Trabalho Decente. Ela vai acontecer em agosto. O sistema de cooperativas participou do processo de construção e elegeu delegados para essa conferência. Lá também serão tratados temas relacionados ao cooperativismo e à noção de trabalho decente. Ao nosso ver, cooperativismo e trabalho decente têm tudo a ver com superação da exploração, condições dignas de trabalho, e é preciso, sim, superar muitas situações e alavancar a condição de trabalho do cooperativismo entre nós.



Por fim, quero dizer que este ano, repetindo um pouco as palavras da deputada Neusa Cadore, não é o ano do cooperativismo ou das cooperativas, mas, sim, o ano de despertar para a necessidade de fortalecimento do cooperativismo como solução.

O número de organizações que participam da entidade máxima do cooperativismo, da agência vinculada às Nações Unidas é recordista em termos de adesão dos países.

Portanto, estamos absolutamente abertos para a possibilidade de combinarmos novas ações para esse fortalecimento. Repito, é preciso qualificar o trabalho. Quanto mais trabalhadores desqualificados existirem mais dificuldades teremos para fortalecer o cooperativismo.

Ou seja, o cooperativismo não é mágica, absolutamente. É preciso muito investimento, capital. Portanto, o crédito tem que ser garantido e fornecido, mas um crédito que ajude a superar. Para isso, a presidenta Dilma tem tomado medidas muito significativas que, ao nosso ver, vão mudar a vida em termos de crédito no Brasil. E o segmento de crédito do cooperativismo é um dos que mais crescem.

Quem sabe o intercooperativismo não se fortaleça também através do crescente crédito entre as cooperativas?

O fato é que os juros tendem a cair mais ainda. E que o incentivo ao empréstimo como principal atividade financeira seja efetivamente grande, ao contrário da obtenção de ganhos pelos bancos, sobretudo, em cima de altos *spreads*, altas taxas de juros.

Então, o crédito é fundamental, e é com esse conjunto de fatores que nós vamos conseguir avançar no cooperativismo.

Mais uma vez, obrigado. Novos momentos teremos para avançar nessa discussão.

Parabéns!

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. II 14/06/12

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Quero registrar a presença do prefeito Valcir Rios, de Pintadas e da primeira-dama, Ilza.

Aqui, nas diversas apresentações e manifestações, e a partir da nossa vivência diária, sabemos que esse é um tema que muito nos desafia.

Eu queria lembrar que nós temos essa lei, que foi sancionada em janeiro de 2009. Já tem três anos. Seria bom que o nosso companheiro Cergio provocasse para tirar a lei do papel.

Enfim, que nós pudéssemos conhecer mais, aprofundar e nos apropriar desse instrumento. Temos um conselho atuante, no qual as duas redes, Unicafes e Auseb, têm assento, como também o Sebrae. Nós temos o Fórum Baiano da Economia Solidária, que é um espaço bastante dinâmico; nós aprovamos, nesta Casa, a Lei de Apoio à Economia Solidária; temos o Fórum Baiano da Agricultura Familiar.

Temos toda uma movimentação de intercâmbio entre os diversos empreendimentos. Então, temos uma realidade bem dinâmica.

Mas acho que, nesta tarde, certamente, nos colocamos diante de questões que são fundamentais para que nós avancemos e continuemos dando a nossa contribuição histórica nesse processo.

Quando Cergio Tecchio fala da importância da lei, de fato é todo um esforço de construção, para em nossa prática, em nosso dia a dia, trazermos os benefícios possíveis e provocar o governo para que nós, cada vez mais, tenhamos as políticas públicas como parceiras nessa nova realidade a que a lei se propõe.

Vamos encerrar a sessão renovando os agradecimentos a todos. Nós tivemos aqui 15 municípios. Portanto, uma sessão bastante representativa, com muitas organizações, lideranças sociais e políticas.



Em nome do Poder Legislativo da Bahia, quero agradecer a presença de todas as autoridades que estiveram presentes; das senhoras e dos senhores; do movimento social; dos deputados que passaram por aqui e da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão, desejando que todos tenham um bom retorno a suas cidades. Voltem animados e sejam parceiros desse movimento mundial, que está levantando, neste ano, a bandeira do cooperativismo como uma estratégia imprescindível para o desenvolvimento sustentável.

Uma boa tarde a todos e muito obrigada.